

Relatório Final

José Henrique Pires Leite Júnior

A Antropologia estuda os seres humanos e sua cultura. Esse interesse pela cultura do que é diferente já aparece, pelo menos, desde o século V AEC, a partir da descrição dos “povos bárbaros” por Heródoto, em sua obra *Histórias*. E no período das grandes navegações, nos séculos XIV e XV, essa atenção às culturas primitivas tende a recrudescer com o contato dos europeus, sobretudo navegantes e missionários, com outras sociedades que lhes suscitavam desconfiança e curiosidade.

No entanto, é no final do século XVIII, com o Iluminismo, que se começa a aplicar métodos para a compreensão das culturas, permitindo que no século XIX a Antropologia se estabelecesse como ciência. Nesse momento, o interesse estava sempre voltado para as sociedades primitivas, diferentes da cultura europeia. Somente no século XX se abandona o conceito de “primitivo” na Antropologia, e o objeto de estudo passa a ser o homem por inteiro, em todas as culturas e sociedades, inclusive as próprias do observador. Assim, a Antropologia se ocupa atualmente de vários campos de pesquisa: social, cultural, biológico, a arqueologia e a linguística.

A Antropologia Bíblica, nesse contexto, se utiliza dos métodos da Antropologia cultural e biológica, da linguística e da arqueologia, a fim de estudar os textos bíblicos a partir do viés humano. Esse termo aparece pela primeira vez em 1926 intitulando um trabalho de Hugh Ashley. Mas se torna um estudo multidisciplinar, dialogando com outros campos de estudo, tais como a sociologia, a fenomenologia, a hermenêutica, a história, buscando uma compreensão múltipla e integrada. Para se compreender a Bíblia, é necessário ler, decifrar e decodificar elementos de culturas muito distantes das nossas. E, nesse sentido, a Antropologia oferece métodos importantes para que o texto bíblico seja mais corretamente interpretado.

Os métodos da Antropologia Bíblica foram construídos a partir dos estudos de Adolf Bastian, no século XIX, com a concepção da “unidade psíquica da humanidade”, permitindo que os mitos presentes nas diversas culturas pudessem ser analisados e comparados a partir de sua estrutura. O grande expoente da antropologia estrutural foi Claude Lévi-Strauss. Apesar de não estudar temas relacionados a Bíblia, seu trabalho lançou as bases para que outros autores, tais como Edmund Leach e Mary Douglas, aplicassem os métodos da antropologia estrutural aos textos bíblicos. E, a partir daí,

autores como Clifford Geertz e a concepção da antropologia hermenêutica, abriram caminho para a “leitura” das culturas como se fossem um texto. Sendo assim, toda pesquisa cultural também passa a ser um trabalho exegético, sendo possível compreender os homens que estavam por trás do texto bíblico, tanto na sua redação como na sua história da recepção.

Ler a Bíblia sob a perspectiva antropológica contribui para ampliar as possibilidades de entendimento do texto bíblico. A Bíblia é um livro mítico, porque contém histórias sagradas, inquestionáveis e compreendidas a partir da fé. Nesse sentido, devemos estar atentos as características dos mitos: as redundâncias, que reforçam as verdades contidas nas histórias bíblicas. As oposições binárias, que separam o mundo imperfeito dos homens e o mundo perfeito de Deus. E traz a necessidade de um elemento que funcione como ponte entre os dois mundos, intermediário, anômalo.

A partir desses elementos, é possível fazer uma análise estrutural dos mitos a partir de uma corrente sintagmática, que estuda o texto individualmente, em contiguidade e sequência, e a partir de uma série paradigmática, comparando as semelhanças e diferenças entre suas estruturas.